

EXPERIÊNCIA DO ROMANCE

Pádua Lopes

A vida transcorre com uma sequência de encontros e trocas que nem sempre se processa de maneira harmoniosa. Embora indispensável, a convivência em sociedade é, muitas vezes, conflituosa que parece até um canteiro de insatisfações. Nesse relacionamento social tumultuoso as condutas individuais se tornam imprevisíveis, sobretudo, quando fatores externos vêm desencadeá-las.

Como as demais artes, a Literatura se propõe a traduzir os pensamentos e emoções que impulsionam as pessoas na representação de seu papel no grande teatro do mundo. O Romance, em particular, narra uma ou várias histórias da infinita experiência humana. Como pesquisador do fenômeno, o romancista se sente compelido espiritualmente a transmitir as lições aprendidas no contato com outros indivíduos. E o faz pela prosa da ficção que extrai analogias com as situações concretas da vida. A obra do romancista não se exaure nele, precisa ser complementada por uma inteligência que seja destinatária de seu texto, sob pena dessa mensagem escrita ecoar no vazio. Entra em cena o Leitor, um interlocutor precioso ou, mais do que isso, um cúmplice do romancista. A misteriosa força de atração entre o romancista e o leitor se opera através da arte de escrever.

A narração oral de lendas e histórias é uma tradição que vem dos primórdios da civilização quando homens e mulheres se sentavam à noite em torno da fogueira para conversar. O bom contador de histórias gozava de um lugar privilegiado naquele agrupamento humano primitivo. Tendo sido a linguagem o principal instrumento da civilização humana, o seu ponto alto acontece quando a oralidade é codificada nos signos da escrita.

O Romance constitui um gênero literário relativamente novo em relação à Poesia e ao Teatro. Segundo a maioria dos estudiosos,

o Romance só teve grande valorização, sobrepujando aqueles outros dois gêneros, a partir do Romantismo que foi a expressão artística da revolução industrial ocorrida no fim do Século XVIII. A chamada era industrial mudou profundamente a sociedade, formando a classe operária, egressa do campo, que se alfabetizava para obter melhores salários; ao lado da classe burguesa que enriquecia e aspirava ao aprimoramento intelectual. O Romance alcançou seu apogeu no Século XIX, com o surgimento de escritores extraordinários na França, Inglaterra, Alemanha e Rússia, que produziram obras-primas que ainda nos encantam. Esse período continuou até metade do Século XX, quando lançaram suas obras monumentais Proust, Joyce, Kafka, Thomas Mann e Robert Musil. Depois da Segunda Guerra Mundial, o Romance empreende uma marcha sinuosa, ora pela tendência à imitação dos estilos passados, ora pelos experimentalismos e vanguardismos de estilo hermético.

O Romance atravessa uma crise, sofrendo uma espécie de exaustão diante da proliferação incontável dos meios impressos. O gênero literário disputa a atenção do público em concorrência árdua com outras artes, além de enfrentar uma luta autofágica no campo da ficção, no qual paira uma indefinição entre a atividade genuinamente literária e a prosa de entretenimento. Esses problemas se agravam diante do advento das poderosas plataformas e ferramentas da era digital que multiplicaram os meios de expressão artística, a maioria de natureza efêmera.

Talvez sem o poder de influência de outrora, o Romance sobrevive, ainda prestigiado por jovens e idosos. Uma das razões dessa resistência é ser ele um instrumento efetivo de compreensão do tempo e do espaço em que vivemos. O Romance penetra o espírito do leitor e, quanto mais o penetra, é capaz de induzir mudanças de opinião e de comportamento. A prosa narrativa estimula a imaginação do leitor

que não percorre necessariamente a linha de raciocínio do escritor. Cada leitor faz uma interpretação muito peculiar da narrativa, fabrica suas ilusões e constrói versões diferentes do enredo. A prosa ficcional dá tempo ao leitor para divagar livremente, refletir sobre aquele conteúdo, manter diálogo consigo mesmo. Se a história continuar na mente do leitor depois de virada a última página do livro, o romancista atinge seu objetivo artístico.

Com sua sensibilidade, o romancista tem uma perspectiva subjetiva para a compreensão dos fatos. Por mais acurada que seja, essa visão será míope ou precária, porque ninguém conhece inteiramente a condição humana. Já o leitor observa o universo descrito no romance do lado externo, portanto, o seu entendimento sobre o que está escrito há de ser diferente, variando conforme sua formação intelectual, sua personalidade ou sua realidade. Ao lado de muitos romances existentes, há os que nunca serão escritos; esses são os concebidos pela livre imaginação do leitor.

Como qualquer pessoa, o romancista participa da sociedade e observa, quase sempre indiferente, os fatos à sua volta. Em determinado momento, um fato lhe capta a atenção. A esse momento especial, ele dá o nome de inspiração que, como um gatilho, o leva a escrever sobre aquele episódio que tanto o impressiona. Com uma luz interior ele é capaz de identificar pistas e desvendar significados que são imperceptíveis às demais pessoas. Quem observa melhor descobre o inédito e o surpreendente em algum caso singular, ou raro, que possui valor artístico por essas características. A criação ficcional goza de absoluta liberdade, a tal ponto de se dizer que o narrador do texto é um deus onisciente.

Na última década do século anterior, a Internet se expandiu magicamente, causando enormes transformações psicológicas, alterando comportamentos sociais e propondo nova moralidade. O

público acompanhava os noticiários da imprensa e admirava as histórias de pessoas adultas que mantinham namoros virtuais audaciosos e as jovens que deixavam a família em desespero, fugindo com namorados conhecidos superficialmente na rede de computadores. Essas histórias representavam pequenas tragédias domésticas, outras hilariantes comédias; todas sendo objeto de curiosidade nos círculos sociais que faziam intolerante recriminação à imaturidade e irresponsabilidade dos envolvidos. Até que o autor de *Safira não é flor* se deparou com um caso excepcional, pela ousadia dos protagonistas, pelo inusitado. E avaliou que “esse caso” mereceria ser contado para marcar “o momento de transição para a era digital.”

Uma mulher de meia-idade, enfasiada da vida conjugal, começa a se divertir com bate-papos – os *chats* – na Internet. Numa ocasião, conhece pela tela um internauta inteligente e galante, com quem simpatiza pelo bom humor e pela palestra equilibrada, desenvolvendo com ele tal afinidade que lhe confia a crise com o marido. Quando é informada que o internauta tem uma visita cultural à Itália, programada com um amigo, ela dá um jeito de se agregar à viagem. Alheia aos perigos da aventura, essa mulher embarca no avião para a Europa na companhia de dois homens estranhos, a quem vê pessoalmente pela primeira vez. O romance descreve os surpreendentes incidentes dessa viagem e o seu posterior desdobramento na vida dos amantes.

Trata-se da narração de um triângulo amoroso, tema grato aos melhores autores de Literatura que têm explorado esse veio inesgotável dos desejos humanos, adaptando-o aos costumes e aos ditames sociais de cada época. Mas essa relação transgressora tem sido esmiunçada, sopesada e julgada pelo ângulo jurídico, em face da quebra das normas do contrato (o casamento) acordado; ou pelo preconceito social contra a deslealdade amorosa. Essas abordagens convergem para moralidade

polarizadora, em que o traído será sempre vítima e o traidor, sempre criminoso. Em *Safira*, os fatos se passam sem reprovação à conduta dos protagonistas, que agem com a desinibição de adultos à procura de divertimento e satisfação pessoal libertos que estão.

Primeiramente, o enredo se estendeu demasiadamente em pormenores e digressões, ficando o texto muito longo. Então, o autor reescreveu o livro integralmente - e algumas de suas partes por diversas vezes - para moldá-lo ao formato idealizado. Trabalhava nos fins de semana e nas férias, elaborando o texto lenta e arduamente, mas com determinação, porque aquela história pressionava sua vontade. Assim, o autor experimentou o sentimento de outros ficcionistas, de acordo com o qual acham que escrever a história é a melhor maneira de penetrar na sua essência. Ou que ele pode encontrar um sentido na vida contando histórias.

Depois de exaustivo esforço de redação, o texto original foi submetido ao crivo do poeta e professor Artur Eduardo Benevides, que reconheceu o mérito literário do trabalho. Confiante no veredicto do mestre, o autor enviou a obra para três editoras: uma grande do Rio de Janeiro e duas de São Paulo, sendo uma de porte médio e outra, de grande porte. As editoras não lhe deram resposta. Então, brotaram as dúvidas. Vale a pena publicar um romance quando existem milhares nas prateleiras da livraria? Para que se expor voluntariamente à crítica ou à indiferença do público?

Em meio a essa indecisão hamletiana (“publicar ou não publicar?”), uma circunstância de ordem familiar fez o autor se decidir pela publicação depois de cinco anos do texto armazenado no computador, recebendo revisões periódicas e redução do número de páginas. A editora Expressão Gráfica, de Fortaleza, imprimiu o livro em 2016, com os custos pagos pelo autor.

Depois de tanta angústia, o autor se emocionou ao ter em mão o primeiro exemplar impresso. A sensação inicial foi um misto de

realização íntima e de alívio, este por encerrar o questionamento sobre a publicação e o receio às críticas. Em seguida, adquiriu maior consciência de si mesmo ao esboçar o perfil dos personagens. Os outros indivíduos, ainda que sejam apenas produtos da ficção, nos servem de espelho. Por causa da autocondescendência, a chave para a compreensão está mais no exame dos outros do que em nós mesmos. Ao explorar as virtudes e defeitos dos semelhantes, formulamos uma ideia mais aproximada daquilo que somos dentro do contexto que vivemos.

Por fim, mais uma sensação inesperada, o autor passou a ter nostalgia dos personagens concebidos depois da demorada gestação, porque eles eram de sua exclusiva propriedade imaterial, com eles brincava, trabalhava e sonhava em qualquer hora ou dia, lhes adicionando ou excluindo traços no perfil. Publicado o livro, esses personagens se tornaram públicos, os leitores se apropriaram deles, emprestando-lhes outros atributos. Saídos da cabeça do criador, os personagens ganharam completa autonomia.”

Com o romance já distribuído e em circulação, o autor anotou a reação dos leitores. A mais forte foi a curiosidade de saber se a história narrada foi verdadeira, se os fatos aconteceram na realidade. A todos esclareceu que o enredo foi baseado em fatos reais, para ser verossímil, mas o romance é absolutamente ficcional e os personagens são idealizações de modelos aleatórios. A estrutura coerente dos fatos preparou o ambiente para o desenrolar da ilusão literária, dificultando a percepção imediata de onde se situa o cruzamento do racional, substrato da realidade, com o não racional, objeto da fantasia.

A segunda reação foi a de que o personagem narrador do romance seria a própria pessoa do autor. Essa confusão é recorrente na prosa ficcional e vale sublinhar que todos os personagens, principais ou secundários, homens ou mulheres, incluído o narrador do livro,

são figuras abstratas imaginadas para a composição da fábula. Esses personagens, descritos metaforicamente, nunca pertenceram ao mundo real.

A terceira observação foi a diversidade de interpretações do romance: uns leitores gostaram do triângulo amoroso; outros das descrições da viagem; alguns das considerações sobre a história e a arte; do teor das cartas finais e de episódios isolados. Cada leitor interpretou de maneira personalíssima o enredo, realçando os trechos pelos quais foi por ele tocado, dando nova extensão às situações elencadas pelos comentários espirituosos; ou seja, foram criadas paralelamente muitas histórias em torno do romance. A irrecusável conclusão é de que o leitor encontrou no conteúdo de *Safira* muito mais do que o autor pensou em oferecer ao escrevê-lo.